

DESENHO E CANTEIRO_um

Fomos dar um rolê na capital paulista exatamente um ano após o estresse da cirurgia a que fui submetido no hospital da Beneficência Portuguesa. Com minha célebre planilha de atividades em ação, a coisa foi puxada, mas cumprimos o prometido. A viagem na madrugada entre Franca e São Paulo, embora de leito, é cansativa. Ônibus melhores e boas estradas não significam menos tempo de viagem por vários motivos, como os constantes congestionamentos na chegada à capital. Quando era estudante nos anos 1970, levava 5h30, hoje são 7 horas, saímos meia noite da Franca do Imperador para chegar no terminal rodoviário do Tietê às 7 da matina. Malas no hotel, café tomado, bora andar de metrô e a pé. Costumamos ficar ao lado da estação Paraíso do Metrô, com as linhas azul e verde a disposição, preferimos usar transporte público sempre que possível.

Uma delícia caminhar numa manhã ensolarada de outono pelas ruas da minha mocidade próximas à estação do metrô Mackenzie, onde morei numa “república”. A primeira parada foi no Museu da FAAP para ver a magnífica exposição de Andy Warhol, esse filho de operários que foi uma usina de ideias e realizações, do desenho de moda e capas de revistas, da pintura à serigrafia, da publicidade às publicações, roupas, música - foi mentor e empresário da banda Velvet Underground com Lou Reed e Nico, tornando-os celebridades. Sua célebre frase (No futuro, todos terão seus 15 minutos de fama) está na mostra, assim como as Marylins e as latas de sopa Campbell, mas muito, muito mais, impressionante a produção desse grande artista norte-americano. O galpão da “Factory” em Nova York onde vivia, uma verdadeira fábrica onde comandava a produção artística colaborativa com dezenas de outros artistas é um exemplo de como a integração e colaboração pode criar novas ideias.

Ao retornar passamos pela praça Villaboim revendo o edifício projetado por Artigas e ver os doces “sonhos” prediletos de FHC resplandecendo na vitrine da Padaria Barcelona, até chegar à Vila Buarque e à biblioteca municipal infantojuvenil “Monteiro Lobato”, próxima ao antigo apê da prima Agnes Zuliani, que nos hospedou generosamente tantas vezes. Finalmente entramos para conhecer por dentro – uma obra de arquitetura interessante de William Gorham e repleta de atrações literárias, excelente acervo, inaugurada por Ademar de Barros em dezembro de 1950.

Dali seguimos em frente passando sob o Minhocão até chegar à Escola da Cidade com seu famoso curso de arquitetura, onde nos esperavam três pequenas exposições de arte e arquitetura de ex-alunos da faculdade. Mundo pequeno: vimos a Renata Palladini que é de Ribeirão Preto, arquiteta e professora da Escola correndo sob o Minhocão, certamente atrasada para algum compromisso. Em seguida, usando as linhas amarela e verde do metrô, fomos almoçar com amigos nas proximidades do MASP e depois visitar o dito cujo, para conhecer o anexo recém-inaugurado, objeto de críticas e elogios por sua arquitetura. É um monólito (quase) negro ao lado do icônico prédio projetado por Lina Bo Bardi para o charmoso museu paulistano. Garanto uma coisa, que o projeto do escritório METRO Arquitetos Associados, dos sócios Martin Corullon e Gustavo Cedroni ao menos é bem melhor que o de Júlio Neves de uns 20 anos atrás, batizado de “pirocão” por conta de ter uma abóbada vermelha no topo. O mais incrível? Conheci o Corullon quando fui conselheiro suplente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo, as poucas vezes em que fui convocado às plenárias ele sentava ao meu lado. (continua)

Mauro Ferreira é arquiteto